

Martins, M.J., Laíns, I., Brochado, B., Oliveira-Santos, M., Pinto-Teixeira, P., Brandão, M., (...) & Reis Marques, T. (2015). Satisfação com a Especialidade entre os Internos da Formação Específica em Portugal [Career Satisfaction of Medical Residents in Portugal]. *Acta medica portuguesa*, 28(2):209-21.

Satisfação com a Especialidade entre os Internos da Formação Específica em Portugal

Maria João MARTINS¹, Inês LAÍNS^{2,3}, Bruno BROCHADO⁴, Manuel OLIVEIRA-SANTOS⁵, Pedro PINTO TEIXEIRA⁶, Mariana BRANDÃO⁷, Rui João CERQUEIRA^{8,9}, Ricardo CASTRO-FERREIRA¹⁰, Carlos BERNARDES¹¹, Miguel NOBRE MENEZES¹², Bernardo SOARES BAPTISTA¹³, Ricardo LADEIRAS-LOPES^{14,15}, Mariana CRUZ REI¹⁶, Gilberto PIRES DA ROSA¹⁷, José Luis MARTINS¹⁸, Maria MENDONÇA SANCHES¹⁹, Manuel J. FERREIRA-PINTO^{8,20}, Margarida RATO²¹, Miguel COSTA E SILVA²², Catarina POLICIANO²³, João BEATO²⁴, João BARBOSA-BREDA²⁴, João PIMENTEL TORRES^{25,26}, Inês LEAL^{27,28}, Sílvia AGUIAR ROSA¹¹, Bárbara CARVALHO RIBEIRO²⁹, Francisco REGO COSTA³⁰, Carolina PALMELA³¹, Tiago CÚRDIA GONÇALVES³², Luis MORAIS⁴, Tiago REIS MARQUES³³

1. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação. Universidade de Coimbra. Coimbra. Portugal.
2. Serviço de Oftalmologia. Centro Hospitalar e Universitário de Coimbra. Coimbra. Portugal.
3. Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra. Coimbra. Portugal.
4. Serviço de Cardiologia. Centro Hospitalar do Porto. Porto. Portugal.
5. Serviço de Cardiologia A. Centro Hospitalar e Universitário de Coimbra. Coimbra. Portugal.
6. Serviço de Cardiologia. Centro Hospitalar de Lisboa Central. Lisboa. Portugal.
7. Serviço de Oncologia Médica. Instituto Português de Oncologia Francisco Gentil. Porto. Portugal.
8. Serviço de Cirurgia Cardiorácica. Centro Hospitalar São João. Porto. Portugal.
9. Departamento de Fisiologia e Cirurgia Cardiorácica. Faculdade de Medicina da Universidade do Porto. Porto. Portugal.
10. Serviço de Cirurgia Vascular. Centro Hospitalar de São João. Porto. Portugal.
11. Serviço de Gastroenterologia. Hospital de Santo António dos Capuchos. Centro Hospitalar de Lisboa Central. Lisboa. Portugal.
12. Serviço de Cardiologia. Hospital de Santa Maria. Centro Hospitalar de Lisboa Norte. Lisboa. Portugal.
13. Serviço de Medicina. Hospital da Luz. Lisboa. Portugal.
14. Serviço de Cardiologia. Centro Hospitalar de Vila Nova de Gaia/Espinho. Vila Nova de Gaia. Portugal.
15. Unidade de Investigação Cardiovascular. Faculdade de Medicina. Universidade do Porto. Porto. Portugal.
16. Serviço de Neurologia. Centro Hospitalar Entre o Douro e Vouga. Santa Maria da Feira. Portugal.
17. Serviço de Medicina Interna. Centro Hospitalar de São João. Porto. Portugal.
18. Serviço de Cardiologia. Centro Hospitalar do Baixo Vouga. Aveiro. Portugal.
19. Serviço de Dermatologia. Hospital de Santa Maria. Centro Hospitalar de Lisboa Norte. Lisboa. Portugal.

20. Serviço de Oncologia Cirúrgica. Instituto Português de Oncologia Francisco Gentil. Porto. Portugal.
21. Serviço de Dermatovenerologia. Hospital Distrital de Santarém. Santarém. Portugal.
22. Serviço de Dermatovenerologia. Centro Hospitalar de São João. Porto. Portugal.
23. Departamento de Ginecologia e Obstetrícia. Hospital de Santa Maria. Centro Hospitalar Lisboa Norte. Lisboa. Portugal.
24. Departamento de Oftalmologia. Centro Hospitalar de São João. Porto. Portugal.
25. Serviço de Urologia. Hospital de Braga. Braga. Portugal.
26. Instituto de Ciências da Vida e da Saúde. Universidade do Minho. Braga. Portugal.
27. Departamento de Ética e Deontologia Médica. Faculdade de Medicina de Lisboa. Lisboa. Portugal.
28. Serviço de Oftalmologia. Hospital de Santa Maria. Centro Hospitalar Lisboa Norte. Lisboa. Portugal.
29. Serviço de Ginecologia/Obstetrícia. Hospital de Braga. Braga. Portugal.
30. Serviço de Radiologia. Hospital de São João. Porto. Portugal.
31. Serviço de Gastroenterologia. Hospital Beatriz Ângelo. Loures. Portugal.
32. Serviço de Gastroenterologia. Centro Hospitalar do Alto Ave. Guimarães. Portugal.
33. Department of Psychosis Studies. Institute of Psychiatry, Psychology and Neuroscience. King's College. London. United Kingdom.

RESUMO

Introdução: A satisfação com a profissão médica tem sido apontada como um fator essencial para a qualidade assistencial, o bem-estar dos doentes e a estabilidade dos sistemas de saúde. Estudos recentes têm vindo a enfatizar um crescente descontentamento dos médicos, principalmente como consequência das alterações das relações laborais. **Objetivos:** Avaliar a perceção dos médicos de formação específica em Portugal, sobre as expectativas e grau de satisfação com a profissão, especialidade e local de formação; razões da insatisfação e intenção de emigrar. **Material e Métodos:** Estudo transversal. A colheita de dados foi efetuada entre Maio e Agosto de 2014 através de um Inquérito *online* sobre a “Satisfação com a Especialidade”. **Resultados:** De uma população total de 5788 médicos, foram obtidas 804 respostas (12,25% do total de médicos internos). Desta amostra, 77% das respostas correspondem a internos dos três primeiros anos de formação. Verificou-se que 90% dos médicos se encontram satisfeitos com a especialidade, tendo-se encontrado também níveis elevados de satisfação com a profissão (85%) e local de formação (86%). Por outro lado, constatou-se que estes diminuíam com a progressão ao longo dos anos de internato. A avaliação global sobre o panorama da prática médica foi negativa e 65% dos médicos responderam que consideram emigrar após conclusão do internato. **Conclusão:** Os médicos internos em Portugal apresentam níveis positivos de satisfação com a sua profissão. No entanto, a sua opinião sobre o panorama da Medicina e os resultados relativos à intenção de emigrar alertam para a necessidade de tomada de medidas para inverter este cenário.

Palavras-chave: Internato; Medicina; Portugal; Questionários; Satisfação Profissional.

ABSTRACT

Introduction: The satisfaction with the medical profession has been identified as an essential factor for the quality of care, the well-being of patients and the healthcare systems' stability. Recent studies have emphasized a growing discontent of physicians, mainly as a result of changes in labor relations.

Objectives: To assess the perception of Portuguese medical residents about: correspondence of residency with previous expectations; degree of satisfaction with the specialty, profession and place of training; reasons for dissatisfaction; opinion regarding clinical practice in Portugal and emigration intents.

Material and Methods: Cross-sectional study. Data collection was conducted through the "Satisfaction with Specialization Survey", created in an online platform, designed for this purpose, between May and August 2014. **Results:** From a total population of 5788 medical residents, 804 (12.25 %) responses were obtained.

From this sample, 77% of the responses were from residents in the first three years. Results showed that 90% of the residents are satisfied with their specialty, 85% with the medical profession and 86% with their place of training. Nevertheless, results showed a decrease in satisfaction over the final years of residency. The overall assessment of the clinical practice scenario in Portugal was negative and 65% of residents have plans to emigrate after completing their residency. **Conclusion:** Portuguese residents revealed high satisfaction levels regarding their profession. However, their views on Portuguese clinical practice and the results concerning the intent to emigrate highlight the need to take steps to reverse this scenario.

Keywords: Internship and Residency; Job Satisfaction; Medicine; Portugal; Questionnaires.

INTRODUÇÃO

A profissão médica é ainda uma das carreiras mais atra- tivas em Portugal. De facto, ano após ano, observa-se que o curso de Medicina é aquele com maior procura e de mais difícil acesso no Ensino Superior. Para isto contribui não só a perceção da opinião pública sobre a Medicina, mas também a perceção sobre as vantagens sociais e financeiras associadas a esta profissão. Torna-se portanto expectável que os médicos sejam profissionais realizados e satisfeitos com a sua vida profissional.

Hoje é reconhecido que a satisfação dos médicos com a sua profissão tem implicações não só ao nível do indivíduo, mas também na saúde dos seus doentes e em termos de Saúde Pública. Os doentes de médicos que se consideram muito ou extremamente satisfeitos com o seu trabalho têm maiores níveis de contentamento com os cuidados médicos que receberam do que aqueles tratados por médicos insatisfeitos.¹ Por outro lado, médicos insatisfeitos têm mais problemas de saúde, maior probabilidade de ausências lab- orais injustificadas² e de sofrerem de mais problemas psi- cológicos e mesmo *burnout*.³ Em termos de saúde pública, a necessidade de manter um correto equilíbrio entre todas as especialidades médicas é fundamental para manter um sistema de saúde com elevados padrões de qualidade. Este balanço tem vindo a ser alterado com o êxodo de médicos de especialidades menos atrativas para outras percebidas como mais vantajosas.^{4,5} Também no panorama português assiste-se anualmente a especialidades em que as vagas não são ocupadas na totalidade ou a mudanças de espe- cialidade, comprometendo o futuro dessas especialidades e os cuidados de saúde em Portugal.

Vários estudos internacionais mostram, no entanto, que a satisfação profissional na comunidade médica é elevada, com aproximadamente 85% dos médicos moderadamente ou muito satisfeitos com a sua profissão.^{6,7} Esta satisfação é observada quer entre internos^{8,9} quer entre especialistas.^{10,11} No entanto, as diferenças entre especialidades são significativas, sendo que no maior estudo feito até à data são as especialidades de Doenças Infecciosas, Dermatologia e Pediatria as que geram maior satisfação entre os seus profissionais, enquanto outras especialidades como Ginecologia, Pneumologia e Otorrinolaringologia se encontram no extremo oposto.¹²

No entanto, nos últimos anos tem-se vindo a assistir a uma redução da satisfação com a profissão médica, consequência de alterações no prestígio da profissão, perda de autonomia, aumento do trabalho administrativo e do horário de trabalho e redução da remuneração salarial. De facto, num estudo de 2001, 58% entre 2608 médicos americanos referiram que o seu entusiasmo com a Medicina diminuiu nos cinco anos prévios, enquanto que 87% apontou para uma redução da sua perceção de bem-estar nesse período.¹³ É também de esperar que fatores conjecturais, como a remuneração salarial e as condições de trabalho afetem a satisfação profissional. A importância do ambiente económico foi comprovada num

estudo recente, onde a satisfação dos médicos noruegueses foi comparada com a dos seus colegas islandeses, a viverem uma recessão profunda após a crise económica de 2008.¹⁴ Nesse estudo a satisfação dos médicos islandeses era significativamente menor que a dos pares noruegueses, já controlando para fatores individuais e relacionados com o trabalho. Os mesmos autores, num outro artigo, procuraram perceber o impacto que a mesma crise teve sobre a migração dos médicos islandeses. Duma amostra de 465 médicos, correspondendo a 55% de todos os médicos especialistas islandeses, 63% dos médicos consideravam emigrar num breve período temporal.¹⁵

Apesar da sua importância e relevância, a satisfação profissional nunca foi avaliada entre os internos de formação específica em Portugal. Neste estudo procurou-se pela primeira vez avaliar esta satisfação, bem como analisar as diferenças entre especialidades.

MATERIAL E MÉTODOS

Participantes

Os médicos convidados para participar neste estudo foram os médicos em formação específica que constam da base de dados do projeto Exame da Especialidade (www.examedaespecialidade.com), que forneceu os referidos contactos. Esta base de dados contém 5788 médicos internos, correspondendo a 88,19% do total de 6563 médicos a frequentar o internato médico em Portugal. O inquérito foi enviado por correio eletrónico e um total de 804 médicos internos concordaram participar tendo respondido ao inquérito. Este número corresponde a uma taxa de resposta de 12,25% do total de internos em formação em Portugal.

Instrumentos

Inquérito de satisfação com a especialidade

Este instrumento foi construído especificamente para o presente estudo, sendo o seu modelo e questões semelhantes às publicadas em outros estudos que avaliaram a satisfação com a especialidade.^{7,8,10-13} O inquérito consistiu em 15 questões dicotómicas (Sim/Não) ou utilizando uma escala de Lickert de 10 pontos. Esta escala numérica permitiu classificar os resultados em cinco grupos: Não Cor- responde Nada/Nada Satisfeito = 1 e 2; Corresponde Pouco/Pouco Satisfeito = 3 e 4; Neutro = 5 e 6; Corresponde Muito/Muito Satisfeito = 7 e 8; Corresponde Totalmente/Extremamente Satisfeito = 9 e 10. Este questionário avaliou a perceção subjetiva do médico em relação à sua especialidade em termos de: correspondência das expectativas à realidade; grau de satisfação; razões da insatisfação; satisfação com o local de formação; satisfação com a profissão; prática da Medicina; intenção de emigração. O envio do inquérito foi realizado através de correio electrónico, utilizando o *software* SurveyMonkey[®],

que permite uma única resposta por utilizador eliminando desta forma qualquer duplicação de resultados.

Procedimento e análise estatística

A população em análise consistiu nos médicos que se encontram a realizar o internato em Portugal. Para controlar possíveis vieses, foram realizadas análises por ano de internato, por especialidade e por local de formação. De forma a garantir o rigor estatístico e a representatividade dos resultados, foram realizadas análises apenas para as especialidades que contaram com 10 ou mais respostas, tendo sido utilizado o mesmo critério para as análises por local de formação. Em relação a esta última, de forma a que se pudesse eliminar a influência que a insatisfação com a especialidade pudesse ter sobre a avaliação da satisfação com o local de formação, realizou-se uma análise ajustada a este factor apenas com os médicos que pontuaram igual ou superior a 5 na satisfação com a especialidade (valor que indica uma satisfação mínima com a especialidade, máximo = 10). Foi ainda analisada a subpopulação de médicos cuja especialidade foi a primeira escolha. A análise estatística foi realizada com recurso ao *software* SPSS versão 20.0.

RESULTADOS

Amostra

O número de médicos por especialidade e por local de formação podem ser analisados na Tabela 1a e 1b. Relativamente à distribuição por ano de internato, verifica-se que a maioria das respostas obtidas correspondiam a médicos nos primeiros anos da formação, com 32% (n = 238) encontrando-se a frequentar o primeiro ano de internato, 27% (n = 217) no segundo, 18% (n = 143) no terceiro, 15% (n = 118), no quarto, 5% (n = 37) no quinto e 0,2% (n = 2) no sexto ano.

Resultados globais

Escolha da especialidade

Para a grande maioria a especialidade em que se encontram foi a sua primeira escolha (n = 611; 81%), enquanto que 19% (n = 191) entraram numa especialidade que foi a sua segunda opção. Quando questionados se, caso tivessem oportunidade, escolheriam de novo a mesma especialidade, 85% referiu que sim (n = 632; 85%). Numa sub-análise incluindo apenas os médicos em que a especialidade em que se encontram não foi a sua primeira opção (n = 191), verifica-se que 57% (n = 109) destes não mudaria atualmente de especialidade.

Expectativas em relação à especialidade.

A grande maioria dos internos considera que a especialidade em que se encontram corresponde muito ou mesmo totalmente ao esperado (Fig. 1A). Os resultados por ano de internato mostram que a realidade da especialidade corresponde às expectativas em todos os anos do internato analisados. No entanto, são os médicos do 1º ano do internato os que consideram as suas expectativas mais próximas da realidade ($M = 4,28$; $DP = 0,83$), decrescendo os valores ao longo do internato (Fig. 1A).

Grau de satisfação com a especialidade

A maioria dos médicos indicou estar extremamente ou muito satisfeito com a sua especialidade e somente 10% dos médicos referem estar pouco satisfeitos ou muito insatisfeitos (Fig. 1B). Quando analisados por ano de internato, verifica-se uma diminuição da satisfação ao longo do internato (1º ano – $M = 4,29$, $DP = 1$; 2º ano – $M = 4,11$, $DP = 1,13$; 3º ano – $M = 4,06$, $DP = 1,01$; 4º ano – $M = 4,02$, DP

$= 1,09$; 5º ano – $M = 3,73$, $DP = 1,36$). Quando questionados acerca das razões da insatisfação, 47% apontaram as condições de exercício da prática clínica como a principal razão de insatisfação, 23% indicaram a realidade da especialidade, 16% o local de formação e em 14% dos casos outras razões.

Grau de satisfação com o local de formação

A maioria dos médicos encontra-se muito satisfeito ou extremamente satisfeito com o local escolhido para a realização da formação específica (Fig. 1C), enquanto que apenas 14% afirmou encontrar-se pouco satisfeito ou muito insatisfeito com o local de formação. Com a progressão do internato médico verificou-se uma diminuição da satisfação com o local de especialidade.

Grau de satisfação com a profissão

Quando questionados se voltariam a escolher o curso de Medicina, a grande maioria das respostas foi positiva ($N = 632$; 85%), mas verifica-se uma diminuição dessa intenção ao longo do internato (1º ano: 92,2%; 2º ano: 75,4%; 3º

Tabelas 1A - Número de médicos colocados por especialidade, número de respostas e respectivas taxas de resposta

Especialidade	Número de Médicos Colocados	Número de Respostas	Taxa de Resposta
Medicina Do Trabalho	10	4	40%
Medicina Desportiva	5	2	40%
Medicina Legal	32	11	34,38%
Cirurgia Cardíaca	13	4	30,77%
Dermatovenereologia	36	8	22,22%
Gastrenterologia	106	22	20,75%
Radiodiagnóstico	114	22	19,30%
Psiquiatria da Infância e da Adolescência	54	9	16,67%
Infeciologia	70	11	15,71%
Ginecologia / Obstetrícia	209	32	15,31%
Cardiologia	128	18	14,06%
Estomatologia	36	5	13,89%
Urologia	51	7	13,73%
Pediatria Médica	333	45	13,51%
Medicina Geral e Familiar	1674	220	13,14%
Ortopedia	199	25	12,56%
Anatomia Patológica	80	10	12,50%
Cirurgia Geral	345	42	12,17%
Neurologia	107	13	12,15%
Pneumologia	107	13	12,15%
Medicina Física e Reabilitação	124	15	12,10%
Nefrologia	85	10	11,76%
Cirurgia Plástica Reconstructiva	43	5	11,63%
Oncologia Medica	161	18	11,18%
Psiquiatria	251	28	11,16%
Anestesiologia	329	35	10,64%
Angiologia e Cirurgia Vascular	49	5	10,20%
Saúde Pública	148	15	10,14%
Otorrinolaringologia	100	10	10%
Radioterapia	40	4	10%
Endocrinologia e Nutrição	63	6	9,52%
Oftalmologia	117	11	9,40%
Imunohemoterapia	75	7	9,33%
Medicina Interna	957	87	9,09%
Hematologia Clínica	83	7	8,43%
Reumatologia	48	4	8,33%
Cirurgia Pediátrica	24	2	8,33%

Neuroradiología	45	3	6,67%
Cardiología			
Pediátrica	18	1	5,56%
Genética Médica	18	1	5,56%
Medicina Nuclear	19	1	5,26%
Neurocirugía	46	2	4,35%
Cirugía Torácica	28	1	3,57%
Imunoalergología	42	1	2,38%
Patología Clínica	104	2	1,92%
Cirugía Maxilo- facial	21	0	0

Tabelas 1B - Número de respostas por Hospital e respectivas taxas de resposta e respetivas taxas de resposta

Hospital	Respostas	Percentagem
Centro Hospitalar de São João	46	9,40%
Centro Hospitalar e Universitário de Coimbra	44	9%
Centro Hospitalar de Lisboa Central	43	8,80%
Centro Hospitalar de Lisboa Norte	41	8,40%
Centro Hospitalar do Porto	37	7,50%
Centro Hospitalar de Lisboa Ocidental	26	5,30%
Centro Hospitalar de Vila Nova de Gaia-Espinho	21	4,30%
Hospital Garcia de Orta	18	3,70%
Hospital Prof. Doutor Fernando Fonseca	17	3,50%
Hospital de Braga	16	3,30%
Centro Hospitalar Algarve	14	2,90%
ULS Matosinhos	14	2,90%
IPO Lisboa	11	2,20%
Centro Hospitalar Alto Ave	10	2%
Centro Hospitalar do Baixo Vouga	9	1,80%
IPO Porto	8	1,60%
Centro Hospitalar de Leiria	7	1,40%
Centro Hospitalar de Tondela-Viseu	7	1,40%
Centro Hospitalar de Setúbal	6	1,20%
Centro Hospitalar Trás-os-Montes e Alto Douro	6	1,20%
Centro Hospitalar Psiquiátrico de Lisboa	6	1,20%
Hospital Espírito Santo Évora	6	1,20%
Hospital Dr. Nélio Mendonça - Funchal	6	1,20%

ULS Nordeste	6	1,20%
ULS Alto Minho	6	1,20%
Centro Hospitalar Barreiro Montijo	5	1%
Centro Hospitalar Cova da Beira	5	1%
Centro Hospitalar de Entre o Douro e Vouga	5	1%
Hospital Distrital de Santarém	5	1%
ULS Baixo Alentejo	5	1%
Hospital Beatriz Ângelo	4	0,80%
Hospital Divino Espírito Santo Ponta Delgada	4	0,80%
Hospital Vila Franca de Xira	4	0,80%
HPP Cascais	3	0,60%
Centro Hospitalar do Tâmega e Sousa	3	0,60%
IPO Coimbra	3	0,60%
Cuf Descobertas	2	0,40%
Hospital da Horta	2	0,40%
Hospital de Magalhães Lemos	2	0,40%
ULS Norte Alentejano	2	0,40%
ULS Guarda	2	0,40%
Hospital de Santo Espírito de Angra do Heroísmo	1	0,20%
Hospital Santa Maria Maior - Barcelos	1	0,20%
ULS Castelo Branco	1	0,20%
ULS Litoral Alentejano	1	0,20%

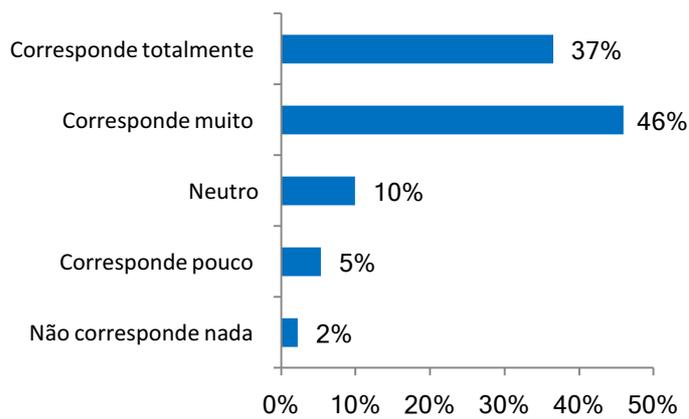


Figura 1A – Expectativas em relação à especialidade

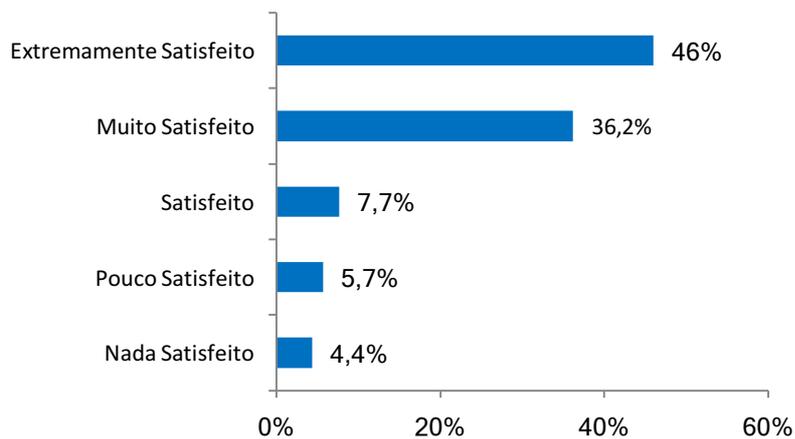


Figura 1B – Grau de satisfação com a especialidade

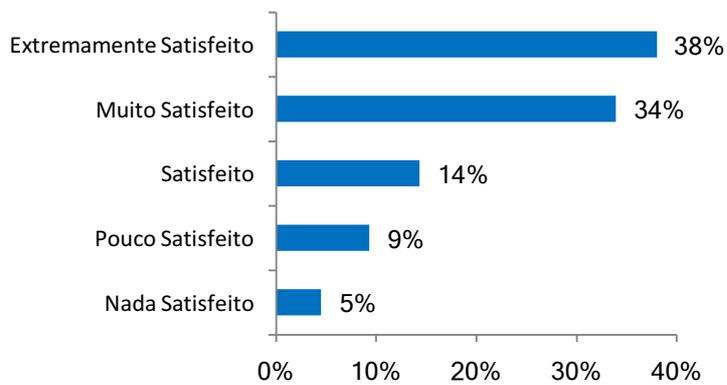


Figura 1C – Grau de Satisfação – Local

Panorama da prática médica em Portugal

A maioria dos médicos acha que existiu uma deterioração da prática médica, nenhum médico considerando que houve uma melhoria significativa (Fig. 1D). Quando analisados por ano de internato, há uma progressão negativa com o avançar do internato.

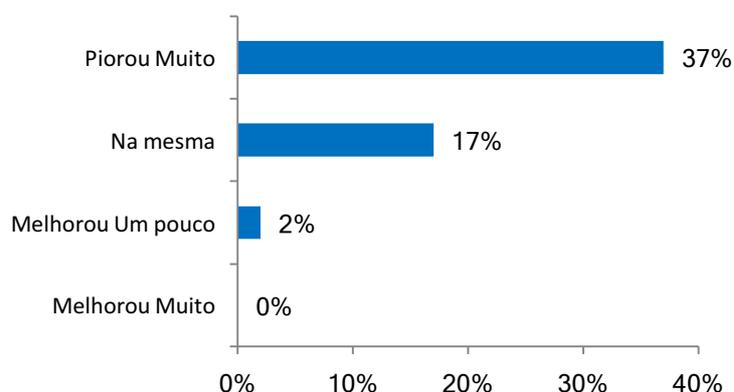


Figura 1D – Panorama da prática médica em Portugal

Emigração e procura de trabalho fora de Portugal

Sessenta e cinco por cento ($n = 484$) dos médicos consideram emigrar e procurar trabalho fora de Portugal quando terminarem a especialidade. Quando analisado por ano de internato, observa-se um aumento da taxa de médicos que pretende emigrar ao longo do internato. Assim, enquanto que no 1º ano somente 53% considera emigrar (2º ano – 62%; 3º ano – 76% e 4º ano - 73%) já no último ano de internato cerca de 75% dos médicos internos considera esta hipótese. As razões mais apontadas como justificação foram as razões financeiras (41%) a falta de oportunidades de trabalho (31%). Cerca de 20% dos médicos selecionou

a opção “outro”, que na maioria dos casos se refere à conjugação de várias destas hipóteses, e 10% refere a falta de emprego.

Resultados por especialidade

Com o objetivo de perceber a variação nas questões dependendo da especialidade em que os médicos se encontram, realizaram-se sub-análises por especialidade. Num universo de 47 especialidades médicas em Portugal, foram analisadas somente aquelas em que se obtiveram pelo menos 10 respostas. Assim, analisaram-se somente 22 das 47 especialidades existentes.

Expectativas em relação à especialidade

Apesar de diferenças importantes entre as especialidades, todas pontuam em média acima de 5, mostrando que os resultados são globalmente positivos, sendo a Anestesiologia, Ginecologia/Obstetrícia e Otorrinolaringologia aquelas onde médicos acham que a realidade mais corresponde ao que esperavam (Fig. 2A).

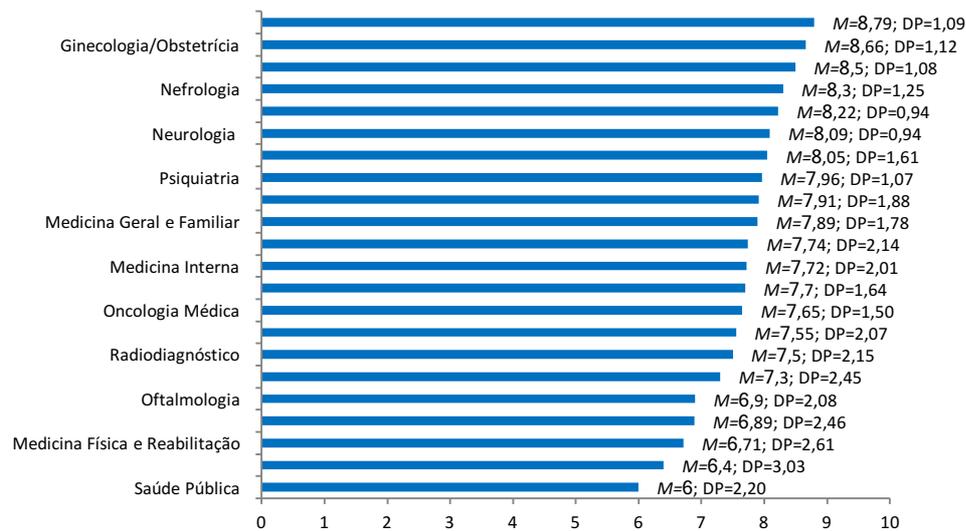


Figura 2A – Expectativas em relação à especialidade

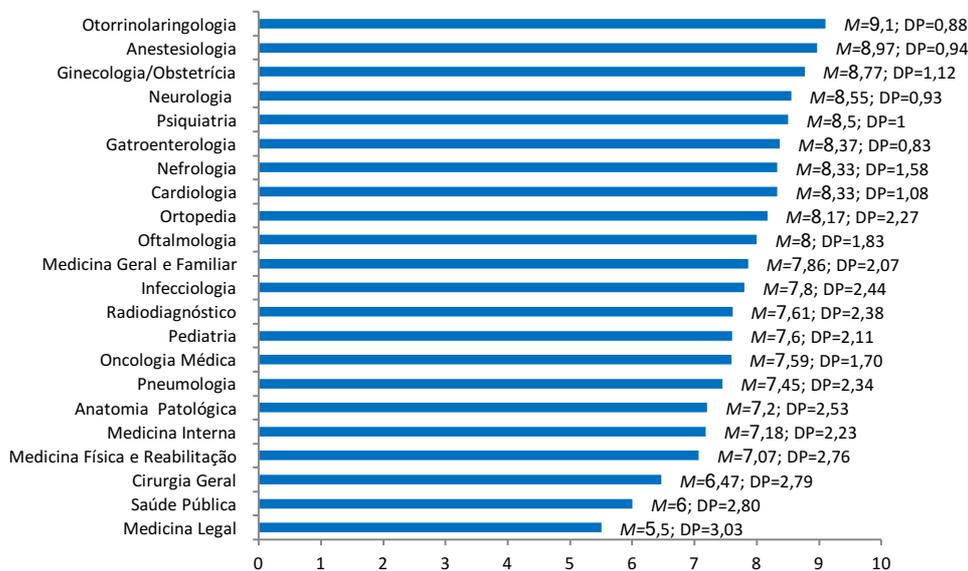


Figura 2B – Grau de satisfação com a especialidade

Grau de satisfação com a especialidade

São os médicos de Otorrinolaringologia ($M = 9,1$; $DP = 0,88$), Anestesiologia ($M = 8,97$; $DP = 0,94$) e Ginecologia/ Obstetrícia ($M = 8,77$; $DP = 1,12$) que reportam um grau de satisfação mais elevado. Níveis mais baixos encontram-se na Medicina Legal ($M = 5,5$; $DP = 3,03$), Saúde Pública ($M = 6$; $DP = 2,80$) e a Cirurgia Geral ($M = 6,47$; $DP = 2,79$).

Escolha da especialidade

Quando questionados se escolheriam novamente a mesma especialidade, foram os médicos de Otorrinolaringologia, Psiquiatria e Anestesiologia aqueles que mais referiram que permaneceriam na mesma especialidade. Já na Saúde Pública, Cirurgia Geral e Medicina Legal observou-se um maior número de médicos a ponderar escolher outra especialidade se lhes fosse dada essa oportunidade (Tabela 2A).

Perspetivas de futuro e procura de trabalho fora de Portugal

São os Médicos de Anestesiologia aqueles que consideram que a sua especialidade lhes dá mais perspectivas de futuro, seguida da Oncologia Médica e Medicina Geral e Familiar. Por sua vez, somente a Pediatria pontua abaixo do *cut-off* de 5 valores (Fig. 3). Quando questionados acerca da intenção de emigrar são os médicos de Medicina Geral e Familiar, Medicina Legal e Saúde Pública aqueles que menos consideram emigrar, com os internos de Cardiologia, Anatomia Patológica e Infeciologia com maior propensão de emigrar (Tabela 2B).

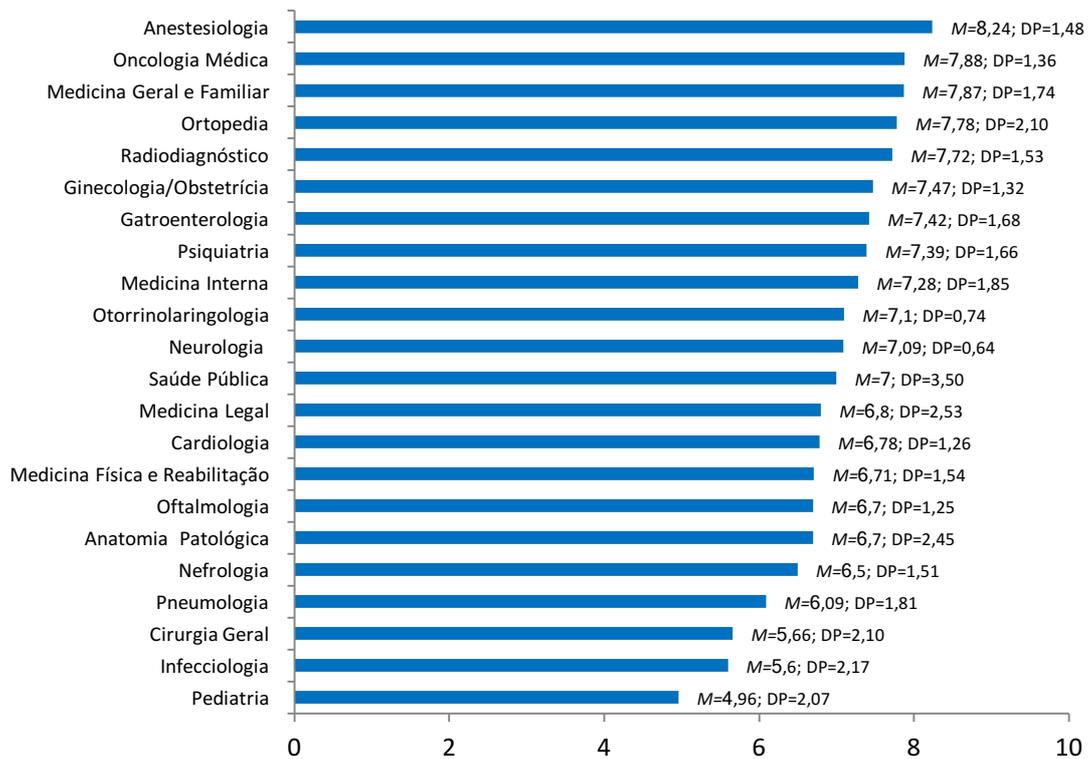


Figura 3 - Perspetivas de futuro, por especialidade

Tabelas 2A - Escolha de novo da mesma especialidade

Especialidade	Sim	Não
Otorrinolaringologia	100%	-
Psiquiatria	100%	-
Anestesiologia	97%	3%
Cardiologia	94%	6%
Radiodiagnóstico	94%	6%
Ginecologia/Obstetrícia	91%	9%
Neurologia	90%	10%
Medicina Geral e Familiar	89%	11%
Oncologia Médica	88%	12%
Medicina Interna	85%	15%
Pediatria	84%	16%
Gastrenterologia	84%	16%
Ortopedia	83%	17%
Anatomia Patológica	80%	20%
Infecciologia	80%	20%
Oftalmologia	80%	20%
Medicina Física e Reabilitação	79%	21%
Pneumologia	73%	27%
Nefrologia	70%	30%
Saúde Pública	67%	33%
Cirurgia Geral	61%	39%
Medicina Legal	60%	40%
Total	85%	15%

Tabelas 2B - Emigração e procura de trabalho fora de Portugal

Especialidade	Sim	Não
Cardiologia	94%	6%
Anatomia Patológica	90%	10%
Infecciologia	90%	10%
Oncologia Médica	88%	12%
Ortopedia	87%	13%
Neurologia	82%	18%
Cirurgia Geral	81%	19%
Oftalmologia	80%	20%
Ginecologia/Obstetrícia	75%	25%
Anestesiologia	73%	27%
Medicina Interna	71%	29%
Nefrologia	70%	30%
Otorrinolaringologia	70%	30%
Pediatria	69%	31%
Radiodiagnóstico	67%	33%
Medicina Física e Reabilitação	64%	36%
Pneumologia	64%	36%
Gastrenterologia	61%	39%
Psiquiatria	54%	46%
Medicina Geral e Familiar	49%	51%
Medicina Legal	40%	60%
Saúde Pública	13%	87%
Total	65%	35%

Resultados por local de formação

Com o objetivo de perceber a variação na satisfação com o local de formação, realizaram-se sub-análises por Hospital. Por razões estatísticas, não foram analisadas as USF uma vez que têm um número de médico internos relativamente baixo o que impede uma análise estatística robusta.

Grau de satisfação com o local de formação

São os grandes Centros Hospitalares (CH), como o CH Universitário de Coimbra, o CH São João e o CH Lisboa Norte, aqueles onde os médicos apresentam menor satisfação, enquanto que com maiores índices de satisfação surgem o CH Vila Nova de Gaia e o Hospital Prof. Dr. Fernando Fonseca (Fig. 4). De forma a controlar o efeito que a satisfação com a especialidade poderá ter na satisfação com o local de formação, foi realizada uma sub-análise ajustada a essa variável, considerando apenas os médicos cuja satisfação foi igual ou superior a 5 (numa escala de 1 a 10). São os Hospitais de Braga, CH Vila Nova de Gaia/ Espinho e o Hospital Prof. Dr. Fernando Fonseca em que houve maior satisfação, enquanto que no extremo oposto se encontra o CH São João, CH do Algarve e o CH Universitário de Coimbra (Fig. 5).

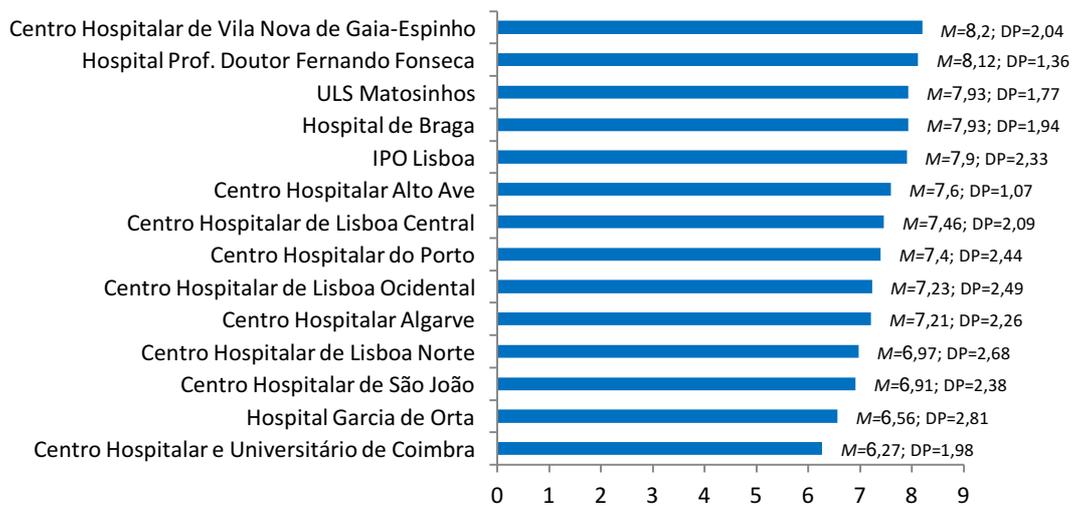


Figura 4A - Grau de satisfação com o local de formação

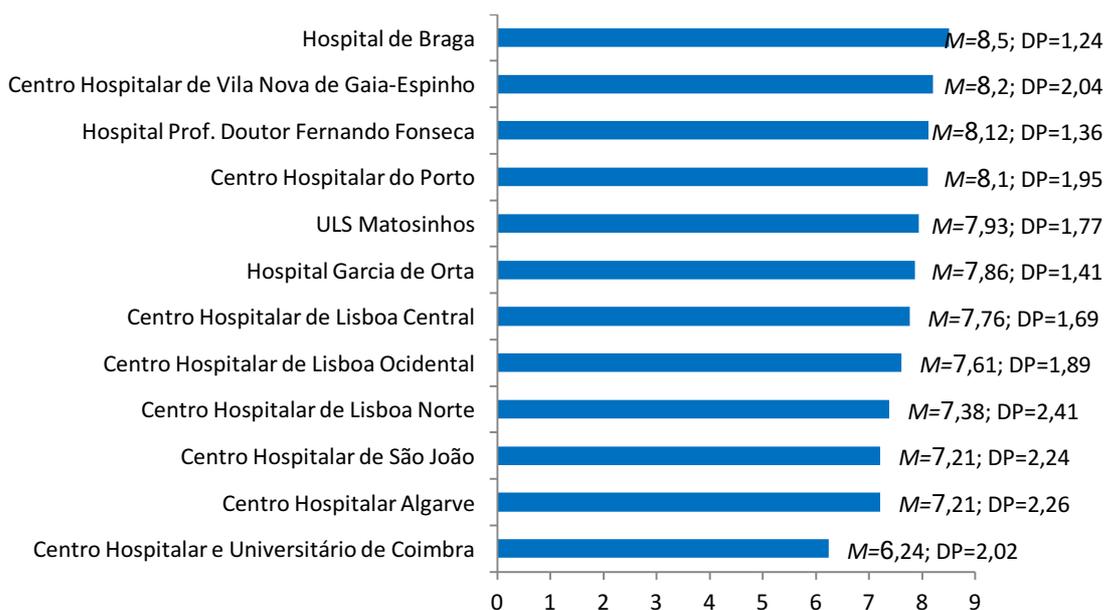


Figura 4B - Grau de satisfação com o local de formação, controlando pela satisfação

Resultados para a subamostra de médicos cuja atual especialidade foi a primeira escolha

Com o objetivo de controlar o facto de a especialidade não ter sido a primeira escolha, realizaram-se as análises tendo em conta apenas os médicos cuja especialidade atual foi a primeira escolha.

Expectativas em relação à especialidade

A maioria dos médicos considera que as suas expectativas corresponderam muito (48%) ou totalmente (41%) à realidade encontrada na especialidade, 7% deram uma resposta neutra e 4% consideram que corresponderam pouco ou nada.

Grau de satisfação com a especialidade

Verifica-se que 52% dos médicos se encontram extremamente satisfeitos, 36% muito satisfeitos, 7% satisfeitos, 3% pouco satisfeitos e 2% nada satisfeitos com a sua especialidade. Quando questionados se escolheriam a mesma especialidade novamente, 91% dos Médicos (n = 550) respondeu afirmativamente.

Análises por especialidade

Da subamostra de médicos cuja especialidade foi a primeira escolha analisaram-se apenas as especialidades que contaram com dez ou mais respostas.

Expectativas em relação à especialidade

As expectativas mais elevadas encontram-se na Anestesiologia (M = 8,97; DP = 0,95), Ginecologia/Obstetrícia (M = 8,67; DP = 1,15) e Neurologia (M = 8,3; DP = 0,67); seguidas de Cardiologia (M = 8,24; DP = 0,97); Radiodiagnóstico (M = 8,14; DP = 1,29); Gastroenterologia (M = 8,12; DP = 1,62); Medicina Geral e Familiar (M = 8,09; DP = 1,63); Medicina Interna (M = 8,06; DP = 1,65); Psiquiatria (M = 8,04; DP = 1,02); Ortopedia (M = 7,73; DP = 2,19); Oncologia Médica (M = 7,71; DP = 1,44) e Cirurgia Geral (M = 7,26; DP = 2,14).

Grau de satisfação com a especialidade

A Anestesiologia obtém novamente a média mais elevada (M = 9,03; DP = 0,87), seguida pela Ginecologia/Obstetrícia (M = 8,76; DP = 1,12); Neurologia (M = 8,7; DP = 0,82); Psiquiatria (M = 8,52; DP = 0,96); Gastroenterologia (M = 8,47; DP = 0,80); Radiodiagnóstico (M = 8,36; DP = 1,39); Cardiologia (M = 8,29; DP = 1,10); Medicina Geral e Familiar (M = 8,17; DP = 1,73); Ortopedia (M =

8,14; DP = 2,32); Oncologia Médica (M = 8; DP = 1,47); Pediatria (M = 7,97; DP = 1,97); Medicina Interna (M = 7,71; DP = 1,84) e Cirurgia Geral (M = 6,84; DP = 2,58).

Perspetivas de futuro

A maior perspetiva encontra-se na Anestesiologia (M = 8,26; DP = 1,48), Oncologia Médica (M = 8,07; DP = 1,27) e Medicina Geral e Familiar (M = 8; DP = 1,61), Ortopedia (M = 7,73; DP = 2,14); Radiodiagnóstico (M = 7,57; DP = 1,65); Medicina Interna (M = 7,56; DP = 1,56); Gastroenterologia (M = 7,41; DP = 1,70); Ginecologia/Obstetrícia (M = 7,37; DP = 1,30); Psiquiatria (M = 7,2; DP = 1,66); e Neurologia (M = 7,2; DP = 1,69). Com menos perspetivas estão Cardiologia (M = 6,71; DP = 1,26); a Cirurgia Geral (M = 5,84; DP = 1,86) e a Pediatria (M = 5; DP = 2,11).

DISCUSSÃO

O presente artigo é o primeiro focar-se na satisfação com a especialidade entre internos da formação específica em Portugal. Os resultados sugerem que somente 10% dos internos se encontram insatisfeitos com a especialidade, enquanto que 78% referem apresentar-se muito ou mesmo extremamente satisfeitos com a sua formação. Estes resultados são comparáveis aos obtidos noutros estudos semelhantes realizados em Países Ocidentais, onde estão descritas taxas de 85% de satisfação (satisfeito ou muito satisfeito) com a sua profissão,⁷ sendo também concordantes com estudos efectuados entre internos de formação específica de outras nacionalidades. A literatura em Portugal é muito escassa, mas num recente estudo entre internos de Medicina Geral e Familiar da região norte de Portugal observou-se que 91% dos internos estava satisfeito ou muito satisfeito com a especialidade, corroborando os resultados observados no presente estudo.¹⁷

No entanto, embora este não seja um estudo longitudinal, observa-se uma redução da satisfação ao longo do internato, com os internos dos últimos anos a reportarem uma menor satisfação com a especialidade quando comparados com os colegas mais jovens. Esta redução pode ser devida a diversos fatores, como uma maior exigência profissional nos anos finais do internato, o desvanecer do entusiasmo inicial dos primeiros anos ou as diferenças nas condições de trabalho experienciadas pelos internos dos últimos anos, consequência da deterioração da condição económica vivida em Portugal. Será desta forma importante que se tente perceber a razão da insatisfação mas também de encontrar formas de a combater. No futuro próximo, estudos mais pormenorizados devem tentar avaliar as razões da insatisfação, enquanto que algumas acções devem ser tomadas para prevenir a insatisfação, como a realização de acções de esclarecimento, criação de comissões de internos, articulação com comissão de internato nos Hospitais, entre outros. Assim, apesar da satisfação demonstrada, é preocupante observar que 81% dos

médicos considera que o panorama da prática clínica em Portugal piorou muito ou extremamente nos últimos anos, enquanto que somente 2% dos internos considera que esta atualmente melhorou. Desta forma não será de estranhar que os níveis de satisfação se reduzam num futuro próximo.

Como provável consequência desta percepção de um agravamento das condições de trabalho, 65% dos médicos internos refere que considera emigrar no final da especialidade. Estes valores elevam-se até 75% no último ano de internato, período provável da tomada dessa decisão. Estes dados são muito similares aos encontrados recentemente na Islândia, país que como Portugal foi muito afectado pela crise económica de 2008, com 63% dos médicos islandeses ponderando emigrar num futuro próximo, tendo nesse estudo a satisfação profissional um impacto estatisticamente significativo nesta decisão.¹⁵ Tratam-se de dados com relevância significativa que, exigem reflexão na forma como a saúde deve ser gerida em Portugal. Num momento em que o País enfrenta um envelhecimento significativo do seu corpo clínico e no qual existem locais com rácios de médicos por habitante ainda bastante abaixo do necessário, a emigração de médicos poderá tornar-se não só um problema económico como também um problema de saúde pública. As implicações da emigração médica são enormes e devem gerar preocupações a nível económico e social. A formação pré e pós graduada de um interno em Portugal pode atingir valores entre os 300 e 400000 euros, um valor demasiado elevado para ser desperdiçado com a emigração após esta formação. Socialmente, a emigração agrava ainda mais a carência de médicos em Portugal, sendo que a emigração dos jovens especialistas contribui para um acentuar dramático do envelhecimento médico já verificado neste país, ao mesmo tempo que priva a população de uma força de trabalho ambiciosa, de grande capacidade de trabalho e com contacto com as mais recentes técnicas médicas.

Por outro lado, os resultados referentes à mudança de especialidade ou mesmo de profissão médica merecem uma reflexão. Devido ao facto do curso de Medicina ser dos cursos mais desejados pelos estudantes do ensino secundário, não seria expectável que uma percentagem tão elevada de internos não considerasse escolher novamente o curso de Medicina se voltasse atrás. No entanto, estes dados são muito similares ao de um estudo canadiano, envolvendo 415 internos da especialidade, em que 22% considerava não escolher novamente o curso de Medicina, enquanto 15% considerava mudar de especialidade.¹⁸ Percentagens ainda maiores foram encontradas em estudos americanos, com 30% dos médicos referindo que não escolheriam de novo a carreira médica se lhes fosse dada essa oportunidade,¹⁹ enquanto 40% não recomendariam o curso de Medicina a um jovem prestes a entrar no mundo universitário.²⁰

Os dados que comparam as diferentes especialidades entre si são difíceis de interpretar, quer devido ao reduzido número de estudos similares quer aos resultados conflitantes. De facto, enquanto que alguns estudos mostram que são especialidades como a Radiologia que apresenta níveis de satisfação

mais elevados,¹⁸ outros mostram a Dermatologia ou a Infecçiology.¹² A disparidade dos resultados em relação a estudos anteriores pode dever-se a vários fatores, decorrentes não só da realidade própria de Portugal como pelo facto da população estudada no nosso estudo abranger somente internos. No sentido oposto verificámos que foram as especialidades de Cirurgia Geral, Medicina Legal e Saúde Pública aquelas que apresentaram níveis de satisfação mais baixos. Dado serem especialidades cuja prática diária pouco têm em comum, não nos é possível identificar um único factor responsável pelos baixos níveis de satisfação. Podemos especular que vários fatores, como a carga horária na Cirurgia Geral ou a pouca relevância dada nos programas universitários à Saúde Pública e à Medicina Legal as razões para a este insatisfação. No entanto, até à realização de estudos mais aprofundados qualquer justificação é meramente especulativa. Da mesma forma, em agregado observa-se que são os Hospitais Centrais (como os CHUC, CH São João e Lisboa Norte) que apresentam médicos com níveis de satisfação mais baixo. Estes resultados podem ser indicativos que a formação em Hospitais de maior dimensão, em que a componente pessoal é menor e a competição é necessariamente maior, podem ser responsáveis por níveis de satisfação menores. Outro dos fatores que potencialmente pode levar a que os internos dos Hospitais Centrais sejam aqueles com níveis de satisfação mais baixo é o serviço de urgência. Os serviços de urgência dos Hospitais Centrais servem por norma uma população maior e com maior grau de complexidade, tornando o trabalho dos internos destes Hospitais mais intenso, frequente e de maior exigência, o que pode influenciar a satisfação que o interno apresenta em relação à sua formação. É importante que estes resultados tenham em conta as diferenças entre Hospitais no número de especialidades que apresentam e de que forma estes podem influenciar os resultados. Assim, enquanto que num Hospital Central o número de especialidades onde há internos é bastante significativo, num Hospital de menor dimensão os internos concentram-se num pequeno número de especialidades. Tomámos em consideração esse factor, e tentámos de alguma forma controlar pelas especialidades existentes, seleccionando somente aqueles resultados acima de um determinado limiar. No entanto, esta abordagem estatística é passível de ser criticada e os níveis de satisfação entre Hospitais devem por isso ser analisados com limitações.

Apesar dos resultados obtidos, várias são as limitações deste estudo. Em primeiro lugar, a taxa de resposta, que engloba apenas 12% dos internos de Portugal. Embora reduzida é semelhante a outros estudos internacionais, sendo que o número absoluto de respostas possibilita uma análise estatística adequada. O facto de não ter sido contactada a totalidade dos médicos internos limitou também o número de respostas obtidas. No entanto, o facto de ter sido possível enviar o inquérito para 5788 médicos, correspondendo a 88,19% do número total de internos, torna esta amostra muito representativa. Em segundo lugar, o nosso estudo mostrou diferenças nas respostas entre os diferentes anos do internato. Devido à nossa amostra ter mais médicos dos primeiros anos de internato, e apesar de termos efectuado

análises separadas por ano, os resultados globais poderiam ter sido outros caso a amostra tivesse sido mais equilibrada. Em terceiro lugar, a representatividade da amostra por especialidade apresenta algumas limitações. Apesar de terem sido analisadas apenas as especialidades que contaram com 10 ou mais respostas isto pode ainda introduzir um viés nos resultados uma vez que as especialidades variam em termos de número de colocados. Assim, por exemplo, exatamente com o mesmo número de respostas, especialidades como ‘Medicina Legal’ (11 respostas em 32 colocados – taxa de resposta de 34,82%) poderão estar sobre-representadas; e especialidades como a ‘Oftalmologia’ (11 respostas em 117 colocados – taxa de resposta de 9,40%) poderão estar sub-representadas. Em quarto lugar, utilizámos um questionário que não foi validado anteriormente. No entanto, não existem escalas internacionais aferidas para avaliar a satisfação com a especialidade, e a maior parte dos estudos utiliza inquéritos construídos especificamente para o efeito. Desta forma, optámos por criar e adaptar o nosso questionário a partir desses inquéritos internacionais. Por fim, o facto deste estudo se ter focado somente nos internos não permite a extrapolação para a restante população clínica.

CONCLUSÕES

A satisfação com o internato médico em Portugal é elevada, apesar das alterações na prática clínica decorrente das recentes alterações salariais e de políticas de saúde. No entanto, uma grande maioria dos internos considera que há um agravamento significativo das condições para a prática clínica em Portugal, o que pode justificar a percentagem elevada de médicos que considera emigrar no final do seu internato.

CONFLITOS DE INTERESSE

Os autores declaram não ter qualquer conflito de interesse relativamente ao presente artigo.

FONTES DE FINANCIAMENTO

Os autores declaram não ter recebido qualquer subsídio relativo ao presente artigo.

REFERÊNCIAS

1. Haas JS, Cook EF, Puopolo AL, Burstin HR, Cleary PD, Brennan TA. Is the professional satisfaction of general internists associated with patient satisfaction? *J Gen Intern Med.* 2000;15:122-8.
2. Kravitz RL, Shapiro MF, Linn LS, Froelicher ES. Risk factors associated with participation in the Ontario, Canada doctors' strike. *Am J Public Health.* 1989;79:1227-33.
3. Hillhouse JJ, Adler CM, Walters DN. A simple model of stress, burnout and symptomatology in medical residents: A longitudinal study. *Psychol Health Med.* 2000;5:63–73.
4. Tu HT, O'Malley AS. Exodus of male physicians from primary care drives shift to specialty practice. *Track Rep.* 2007:1-6.
5. Cooper RA. Seeking a balanced physician workforce for the 21st century. *JAMA.* 1994;272:680-7.
6. Bovier PA, Perneger TV. Predictors of work satisfaction among physicians. *Eur J Public Health.* 2003;13:299-305.
7. Joyce CM, Schurer S, Scott A, Humphreys J, Kalb G. Australian doctors' satisfaction with their work: results from the MABEL longitudinal survey of doctors. *Med J Aust.* 2011;194:30-3.
8. Cohen JS, Patten S. Well-being in residency training: a survey examining resident physician satisfaction both within and outside of residency training and mental health in Alberta. *BMC Med Educ.* 2005;5:21.
9. Millán T, de Carvalho KM. Satisfaction with ophthalmology residency training from the perspective of recent graduates: a cross-sectional study. *BMC Med Educ.* 2013;13:75.
10. Rosta J, Nylenna M, Aasland OG. Job satisfaction among hospital doctors in Norway and Germany. A comparative study on national samples. *Scand J Public Health.* 2009;37:503-8.
11. Leigh JP, Tancredi DJ, Kravitz RL. Physician career satisfaction within specialties. *BMC Health Serv Res.* 2009;9:166.
12. Leigh JP, Kravitz RL, Schembri M, Samuels SJ, Mobley S. Physician career satisfaction across specialties. *Arch Intern Med.* 2002;162:1577- 84.
13. Kaiser family foundation. National survey of physicians part III: doctor's opinion about their profession, March 2002; [consultado 2014 Out 02]. Disponível em <http://kff.org/health-costs/poll-finding/national-survey-of-physicians-part-iii-doctors/>.
14. Solberg IB, Tómasson K, Aasland O, Tyssen R. Cross-national comparison of job satisfaction in doctors during economic recession. *Occup Med.* 2014;64:595-600.
15. Solberg IB, Tómasson K, Aasland O, Tyssen R. The impact of economic factors on migration considerations among Icelandic specialist doctors: a cross-sectional study. *BMC Health Serv Res.* 2013;13:524.
16. IBM Corp. Released 2011. IBM SPSS Statistics for Windows, Version 20.0. New York: IBM

Corp; 2011.

¹⁷Azevedo A, Domingues B, Moura J, Santos L. Estão os internos satisfeitos com o internato de medicina geral e familiar? Rev Port Med Geral Fam. 2014;30:24-30.

¹⁸Cohen JS, Leung Y, Fahey M, Hoyt L, Sinha R, Cailler L, et al. The happy docs study: a Canadian Association of Internes and Residents well-being survey examining resident physician health and satisfaction within and outside of residency training in Canada. BMC Res Notes. 2008;1:105.

¹⁹Chuck JM, Nesbitt TS, Kwan J, Kam SM. Is being a doctor still fun? West J Med. 1993;159:665-9.

²⁰Donelan K, Blendon RJ, Lundberg GD, Calkins DR, Newhouse JP, Leape LL, et al. The new medical marketplace: physicians' views. Health Aff . 1997;16:139-48.